

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

MARILIA POMPEU DO VAL RAMOS

**O PROGRAMA TEMPO DE APRENDER: UM OLHAR A PARTIR DA PRÁTICA
PEDAGOGICA**

Uberlândia / Araxá

2025

MARILIA POMPEU DO VAL RAMOS

**O PROGRAMA TEMPO DE APRENDER: UM OLHAR A PARTIR DA PRÁTICA
PEDAGOGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Uberlândia – UFU,
Licenciada em Pedagogia, na modalidade de
Educação a Distância.

Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Claudio Gonsalves Prado

Uberlândia / Araxá

2025

AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus, por ter me sustentado em todos os momentos dessa caminhada. Ao meu marido, que foi meu maior apoio durante todo esse percurso. Obrigada por sempre acreditar em mim, por me incentivar a seguir em frente, e principalmente por assumir tantas responsabilidades em casa, cuidando dos nossos filhos e do nosso lar, para que eu pudesse me dedicar aos estudos, esse trabalho também é seu. À minha família, que sempre esteve ao meu lado.

Aos meus professores e colegas da UFU, por cada troca, ensinamento e apoio durante a graduação, mesmo a distância, construímos uma caminhada rica e cheia de aprendizado.

E às crianças que passaram pelo meu caminho durante essa formação: foram vocês que me mostraram o real sentido de ser professora.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
DESENVOLVIMENTO	6
RELATO DE EXPERIÊNCIA	7
CONSIDERAÇÕES FINAIS	8
REFERÊNCIAS	9

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise do Programa Tempo de Aprender, desenvolvido pelo Ministério da Educação com foco na alfabetização dos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa baseia-se no Relatório SEALF 2019-2022 e é complementada por um relato de experiência vivenciado pela autora durante sua participação no programa, enquanto estudante de Pedagogia EAD pela Universidade Federal de Uberlândia. O objetivo principal é refletir sobre a aplicação prática do programa nas escolas públicas e compreender seus efeitos na formação docente. A metodologia utilizada foi a análise documental com abordagem qualitativa e perspectiva pessoal. A experiência revelou que, embora o programa tenha potencial para contribuir com a alfabetização, sua aplicação nas escolas pode variar, dependendo da gestão e das necessidades locais. Mesmo com pouca orientação inicial, a atuação direta com alunos em processo de alfabetização permitiu observar avanços concretos, reforçando a importância da prática na formação dos futuros professores.

Palavras-chave: Alfabetização. Formação Docente. Prática Pedagógica. Programa Tempo de Aprender. Políticas Públicas.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the Tempo de Aprender Program, developed by the Brazilian Ministry of Education with a focus on literacy in the early years of elementary education. The study is based on the SEALF 2019–2022 Report and includes a personal experience report by the author, who participated in the program while studying Pedagogy through distance learning at the Federal University of Uberlândia. The main goal is to reflect on how the program is applied in public schools and its impact on teacher training. The methodology used was document analysis with a qualitative and personal approach. The experience showed that although the program has great potential, its implementation may vary according to each school's needs and management. Despite the limited initial guidance, working directly with students facing literacy difficulties provided valuable insights and allowed the author to witness real progress, highlighting the role of practical experiences in teacher education.

Keywords: Literacy. Teacher Training. Pedagogical Practice. Tempo de Aprender Program. Public Policies.

INTRODUÇÃO

A alfabetização é uma das etapas mais importantes da educação básica. É nesse processo que a criança começa a compreender o mundo da leitura e da escrita, e isso influencia diretamente o seu futuro escolar, profissional e pessoal. Durante minha formação no curso de Pedagogia EAD pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tive a oportunidade de participar do Programa Tempo de Aprender, uma experiência que me colocou diante dos desafios reais do trabalho com alfabetização nas escolas públicas.

Escolhi esse tema para meu Trabalho de Conclusão de Curso porque acredito que programas como esse têm potencial para enriquecer a formação de futuros pedagogos, principalmente quando conseguimos vivenciar de perto o ambiente escolar. No entanto, também percebi que muitas vezes as propostas desses programas não conseguem atingir todas as necessidades da prática pedagógica, especialmente quando há falhas na orientação e no apoio inicial.

Neste trabalho, apresento uma análise do Programa Tempo de Aprender, com base no relatório da Secretaria de Alfabetização (SEALF) do Ministério da Educação (2019-2022), e compartilho um relato de experiência pessoal vivenciado durante minha participação no programa, refletindo sobre as contribuições e os desafios encontrados ao longo desse período.

DESENVOLVIMENTO

O Programa Tempo de Aprender foi criado com o objetivo de melhorar a qualidade da alfabetização no Brasil, principalmente nos primeiros anos do ensino fundamental. Ele faz parte da Política Nacional de Alfabetização (PNA), que surgiu da necessidade urgente de mudar os baixos índices de aprendizagem dos alunos nas escolas públicas. Dados do próprio Ministério da Educação mostram que muitas crianças chegam ao final do 3º ano sem conseguir ler e escrever com segurança, o que compromete toda a trajetória escolar delas.

O programa tem uma estrutura baseada em quatro eixos principais:

- 1- Formação continuada dos professores alfabetizadores;
- 2- Apoio pedagógico e gerencial para a alfabetização;
- 3- Aprimoramento das avaliações;
- 4- Valorização dos profissionais da alfabetização.

Na parte de formação, por exemplo, foram ofertados vários cursos gratuitos para professores, gestores e demais profissionais da educação. Um dos cursos que mais chamou atenção foi o “Alfabetização Baseada na Ciência”, que apresentou práticas e conhecimentos atualizados sobre o ensino da leitura e da escrita. Também foram criadas ferramentas como o GraphoGame, um aplicativo educativo, e o Sora, um sistema com recursos online para apoiar o trabalho em sala de aula.

Outro ponto importante do programa foi o investimento em avaliações mais precisas. Uma delas é a avaliação de fluência em leitura oral, que ajuda a identificar se os alunos estão realmente conseguindo desenvolver a leitura com clareza e compreensão. Isso é essencial, porque muitas vezes o estudante até consegue decifrar as palavras, mas não entende o que está lendo.

Além disso, o Tempo de Aprender também trouxe o pagamento de bolsas para professores que participavam das ações e cursos, como forma de incentivo. Houve ainda a criação de materiais de apoio, orientações técnicas e guias para ajudar os profissionais na prática pedagógica do dia a dia.

Apesar disso, a implementação do programa pode variar muito de uma escola para outra. Em algumas situações, como a que vivenciei, a proposta inicial não é seguida à risca, e o apoio que deveria ser dado aos alunos que estão no nível esperado acaba se voltando para aqueles com maiores dificuldades — o que, por um lado, mostra a flexibilidade do programa, mas por outro, também revela a falta de alinhamento e acompanhamento mais estruturado por parte da equipe gestora do projeto.

Ao observar minha vivência no programa, é possível fazer conexões com teorias pedagógicas já consolidadas. Paulo Freire, por exemplo, defende que a alfabetização não deve ser um processo mecânico e descontextualizado, mas sim um ato de compreensão crítica do mundo. Para ele, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (DOS SANTOS, A. N. S.; OLIVEIRA, G. L. de; COSTA, R. P. *Between words and actions – The knowledge of Paulo Freire’s “Pedagogy of Autonomy” to transform teaching into living practice. Aracê*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 6812–6841, 2025.)

Essa ideia vai ao encontro da realidade que encontrei nas escolas: cada criança traz sua própria bagagem, ritmo e forma de aprender, e o professor precisa estar sensível a isso.

Do mesmo modo, Vygotsky (1991) nos lembra que: “o aprendizado acontece nas interações sociais, especialmente quando o aluno é guiado por alguém mais experiente dentro da sua “zona de desenvolvimento proximal” (WERTSCH, J. V. *Vygotsky and the social formation of mind*. Princeton: Harvard University Press, 1985)

No contexto do Tempo de Aprender, mesmo com as limitações, percebi o quanto o apoio individual ou em pequenos grupos fazia diferença para as crianças com mais dificuldade — justamente por oferecer esse tipo de mediação mais próxima.

Também é importante destacar a visão de Libâneo (2001), que enfatiza a necessidade de um ensino comprometido com a formação integral do estudante, levando em conta suas condições sociais, culturais e cognitivas. A alfabetização, quando tratada apenas como decodificação de letras, perde seu verdadeiro sentido. Por isso, programas como o Tempo de Aprender precisam considerar essas dimensões para alcançar, de fato, a transformação educacional.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Participei do Programa Tempo de Aprender no período de 12 de abril a 30 de novembro de 2023. Foi uma experiência muito gratificante, pois me colocou diretamente em contato com a

realidade da alfabetização nas escolas públicas. No entanto, também me fez refletir sobre como as necessidades dentro do ambiente escolar vão muito além da proposta inicial do programa.

Na única reunião de orientação com a equipe responsável, as informações foram bastante limitadas. Basicamente nos disseram que seria uma ação remunerada para dar suporte em salas de 1º e 2º anos do ensino fundamental, especialmente nas áreas de alfabetização e matemática. O nosso papel seria auxiliar os alunos que estavam se desenvolvendo dentro do esperado, enquanto os alunos com dificuldades continuariam sob responsabilidade do professor titular. Não houve aprofundamento sobre os objetivos do programa, nem sobre como utilizar o material de apoio.

Apesar disso, dentro da escola onde atuei, a realidade foi um pouco diferente. Fui convidada a ajudar justamente os alunos que apresentavam dificuldades no processo de alfabetização. A escola me acolheu bem e me emprestou materiais como jogos pedagógicos e atividades de leitura. O espaço onde eu trabalhava era a biblioteca, e o atendimento era feito com pequenos grupos de 1 a 3 alunos por vez, por cerca de uma hora ao dia para cada turma.

Os professores foram muito receptivos. Eles compartilhavam os materiais produzidos ao longo do ano, explicavam a evolução de cada aluno e até me ofereciam atividades novas para trabalhar com eles. No começo, confesso que me senti insegura, com a sensação de que meu trabalho não estava fazendo diferença. Mas, no final do ano letivo, muitos professores me procuraram para mostrar como alguns alunos haviam melhorado, e foi aí que percebi o verdadeiro impacto da minha atuação.

Essa vivência me ensinou muito mais do que qualquer conteúdo teórico. Foi nesse contato direto com os alunos, no apoio silencioso dos professores e no esforço diário em busca de resultados que eu comecei a me ver de fato como professora. O Tempo de Aprender, apesar das falhas no início, me deu a chance de colocar em prática tudo o que venho aprendendo ao longo do curso de Pedagogia, e me mostrou que, mesmo diante de poucos recursos, é possível fazer a diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização é um processo fundamental na formação das crianças e influencia diretamente todas as outras áreas da educação. Diante disso, programas como o Tempo de Aprender têm um papel importante, pois atuam na base do ensino, oferecendo suporte e formação para professores, mesmo que ainda existam limitações na forma como são implementados.

Neste trabalho, além de analisar o programa com base no relatório da SEALF (2019–2022), compartilhei minha vivência como participante do Tempo de Aprender. A experiência mostrou que, apesar da proposta inicial ser voltada para o apoio aos alunos com desenvolvimento dentro do esperado, muitas escolas, como a que atuei, acabam utilizando esse suporte para atender justamente os alunos que mais precisam de ajuda, o que pode ser positivo, mas também indica uma falta de clareza nos objetivos e orientações do programa.

Mesmo com as dificuldades, pude perceber ao longo do tempo que meu trabalho teve impacto real na vida dos alunos. Ver a evolução deles, com apoio dos professores e com recursos simples como jogos e atividades de leitura, me fez sentir, pela primeira vez, que realmente estava exercendo o papel de professora.

Como futura pedagoga, sigo com a certeza de que a educação transforma vidas, e que programas como o Tempo de Aprender podem ser ainda mais potentes se tiverem uma implantação mais clara, com maior diálogo entre gestores, professores e participantes. A alfabetização precisa ser prioridade, e toda ação que fortaleça esse processo merece ser valorizada e aprimorada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *Relatório de gestão: Secretaria de Alfabetização: 2019-2022*. Brasília, DF: MEC/SEALF, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/sealf/publicacoes/relatorio_sealf_2019_2022.pdf.

Acesso em: 10 abr. 2025.

DOS SANTOS, A. N. S.; OLIVEIRA, G. L. de; COSTA, R. P. Between words and actions – The knowledge of Paulo Freire’s “Pedagogy of Autonomy” to transform teaching into living practice. *Aracê*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 6812–6841, 2025. DOI: 10.56238/arev7n2-135.

VALDÉS PUENTES, M. S.; LONGAREZI, A. M. José Carlos Libâneo: gênese e desenvolvimento de seu pensamento didático. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 27, ed. esp., p. 1–24, 2020. DOI: 10.14393/ER-v27nEa2020-5.

WERTSCH, J. V. *Vygotsky and the social formation of mind*. Princeton: Harvard University Press, 1985. DOI: 10.2307/j.ctv26071b0.